

Sob o olhar feminino: Teresina e o processo de ocupação do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde (1977-1979)

Elisnauro Araújo Barros^I

Marcelo de Sousa Neto^{II}

Resumo: O presente artigo discute as formas de acesso a moradia popular, na cidade de Teresina-PI, por meio da construção do Conjunto Dirceu Arcoverde, entre 1977 e 1979. Analisa-se o processo de acesso a moradia, privilegiando as memórias de suas moradoras, reconhecendo o seu protagonismo na modulação espacial e formação histórica da região, das quais muitas foram responsáveis pela decisão de transferir-se para o novo habitacional. O recorte temporal, corresponde a período em que Teresina experienciou um forte processo migratório e de transformação de espaços, no interior de uma política de construção de grandes obras. Desta forma, se pôde verificar a alteração em seu cotidiano, com o crescimento de uma nova região, que recebeu grandes levas de novos moradores, destacando-se a forte presença feminina. Para pesquisa, além do uso de fontes hemerográficas, foi utilizado o diálogo com as fontes orais por meio de entrevistas, baseadas na metodologia da História Oral. Dentro desse contexto, foi possível observar como a cidade assumiu novos contornos com o processo de ocupação do Dirceu Arcoverde.

Palavras-chave: História. Cidade. Moradia Popular. Memória. Trabalho.

From the feminine perspective: Teresina and the process of occupation of housing complex Dirceu Arcoverde (1977-1979)

Abstract: This article discusses the forms of access to popular housing in the city of Teresina-PI, through the construction of Conjunto Dirceu Arcoverde, between 1977 and 1979. The process of access to housing is analyzed, focusing on women's memories residents, recognizing its role in the spatial modulation and historical formation of the region, many of which were responsible for the decision to move to the new housing. The time frame corresponds to a period in which Teresina experienced a strong migratory process and transformation of spaces, within a policy of building great works. Thus, it was possible to verify the change in their daily lives, with the growth of a new region, which received large waves of new residents, highlighting the strong female presence. For research, in addition to the use of hemerographic sources, the dialogue with oral sources was used through interviews, based on the methodology of Oral History. Within this context, it was possible to observe how the city assumed new contours with the occupation process of Dirceu Arcoverde.

Keywords: History. City. Popular housing. Memory. Job.

Artigo recebido em 19/06/2019 e aprovado em 05/07/2019.

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

INTRODUÇÃO

Viver numa sociedade é algo que requer bastante adequação ao cotidiano, por essa razão, observamos que os moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, “com quatro décadas de história, [...], localizado na região Sudeste de Teresina, tornou-se centro da vida socioeconômica de um verdadeiro conglomerado de bairros que orbitam em seu entorno”,^{III} que inicialmente foi constituído por diferentes grupos familiares que vinham de realidades e costumes distintos.

Construído e inaugurado na década de 1970, o Conjunto Dirceu Arcoverde, originalmente denominado de Conjunto Itararé, surgiu em um período em que os investimentos em obras públicas de grande porte eram entendidos erroneamente como símbolo inequívoco de progresso e de modernidade, tanto no cenário nacional quanto local, cujos investimentos eram tratados como sinônimos do desenvolvimento urbano prometido pelos governos autoritários que governavam o país.

Dessa forma o Conjunto e seus moradores, a semelhança do que Sevckenko referia-se a cidade de São Paulo no início do século XX, constituiu-se em uma “Babel Invertida, [...] era Babel de verdade [...] agregava centenas de [...] seres desenraizados”,^{IV} que de alguma forma buscavam constituir uma comunidade, mesmo diante das precárias condições das moradias que lhe foram entregues.

Originalmente, como dito, o Conjunto recebeu a denominação de Itararé e sua construção,

Recebeu financiamento do extinto Banco Nacional da Habitação – BNH (BRASIL. BNH, 1976), sendo erguido em duas etapas: a primeira foi realizada na administração do Governador Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978) e a segunda etapa se configurou no governo de Lucídio Portella (1979-1983). Nessa segunda etapa, em 1979, o conjunto foi renomeado, passando a se chamar Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, em homenagem ao ex-governador e senador recém-falecido.^V

Através dessa história de mudança e ressignificados, que perpassa também pela mudança do nome do Conjunto, procuramos discutir as configurações históricas e cotidiano experienciados por seus moradores, também construtores da cidade de Teresina, apoiados, nesse percurso, na Metodologia da História Oral, reconhecendo que esta “tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis, isto é, que se reconheça neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato”.^{VI}

Devemos destacar que, nesse escrito, o uso da Metodologia da História Oral constituiu-se em uma ferramenta essencial para a compreensão dos fatos ocorridos nas vidas dessas moradoras do Dirceu Arcoverde, personagens escolhidos para o estudo, permitindo o acesso a informações que somente fontes escritas não dariam dimensão a esta comunidade, visto que as transformações pelas quais a região passou, marcaram não somente suas histórias, mais também de suas famílias e suas trajetórias. Desta forma, adotou-se a metodologia, por entendermos que,

o testemunho oral possibilita a história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos [...], de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas.^{VII}

Devemos, entretanto, não nos esquecer que a História Oral não responde a todas as questões e nem é solução para todas as dificuldades.^{VIII} Mesmo assim, reconhecemos, como ensina Alberti,^{IX} que as vivências nos trazem a importância de percebermos o papel da reminiscência no processo histórico, uma vez que a memória é a frequência do passado vivo, guardado nas lembranças de suas testemunhas.

Desta forma, adotamos o relato de mulheres, moradoras do Conjunto, que estiveram inseridas como sujeitos ativos no Dirceu Arcoverde, como forma de recuperar fragmentos narrativos de suas trajetórias cotidianas, que normalmente não seriam registrados em diferente estilo de fonte.^X Assim, a história do que foi vivido nos primeiros anos da ocupação do conjunto será discutido por meio do olhar dessas mulheres.

Em maioria, as moradoras entrevistadas, como significativa parcela dos moradores do Conjunto, tiveram sua origem em regiões interioranas do estado. Dessa forma, torna-se necessário discutir a condição de migrantes e o perfil dos primeiros moradores do Dirceu Arcoverde, discussão que será realizada na próxima seção.

Dirceu Arcoverde: relembando o passado de sacrifícios

Ao lançamos nossas análises sobre as memórias das mulheres do Conjunto, desejamos, como nos alerta Pinsky,^{XI} ir ao encontro dos saberes e maneiras de vida dos diversos grupos sociais, como é o caso dos moradores do Dirceu Arcoverde.

Vejamos o caso da moradora Maria de Fátima de Jesus, conhecida como Fatinha, natural de Monsenhor Hipólito (PI), que chegou à Teresina em 1972, com apenas seis anos de idade, chegando para morar no bairro São João e, posteriormente, mudando-se para o Dirceu Arcoverde, em julho de 1977. Sobre os motivos que a levaram a mudar para o Conjunto, relembra:

Nós morávamos de casa alugada, e nessa casa alugada a casa pegou fogo, aí nós perdemos tudo que foi de material, da mesmo da casa, aí meu pai ficou desesperado, e como já tinha feito a inscrição aqui pela COHAB, antiga COHAB, aí ele foi lá e pediu, pediu urgência, aí a diretora [Doutora Iêda] cedeu a casa pra gente, antes mesmo da inauguração do conjunto.^{XII}

A moradora fala que a motivação para vir morar em Teresina, estava ligada as péssimas condições de vida na sua cidade, e também ao fato de que seus pais tinham “muitos filhos, o papai morava no interior, era magarefe, as coisas foi ficando fraca para sustentar doze filhos, e só de roça não dava, aí ele veio para Teresina em busca de benefícios, e melhorar de vida para os filhos, principalmente a escola, o estudo que lá não tinha”.^{XIII} Essa narrativa demonstra o quanto era difícil sustentar uma família grande, tendo que buscar meios necessários para suprir as necessidades alimentares. O caso lembrado por nossa entrevistada se assemelha, em muitos pontos, a situação de exclusão social de muitas outras famílias que foram acolhidas pelo Dirceu. A respeito da chegada de muitos imigrantes em Teresina, e no Conjunto, observa-se que,

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

Em busca de melhores condições de vida, estes imigrantes chegaram à capital, muitas vezes sem condições suficientes para se estabelecerem, instalando-se na cidade que ainda não os acomodava a contento e que se recusava a reconhecer qualquer situação que denotasse a contradição social.^{XIV}

A busca por uma melhor qualidade de vida, que perpassava pelo desejo de adquirir uma casa própria, a despeito do obstáculo dos deslocamentos de grandes distâncias, fazia com que todos os sacrifícios fossem suportados. Dessa forma, mais uma vez se justifica a importância de trabalharmos os relatos de nossas entrevistadas, de forma a percebermos os desafios enfrentados, pois, como observa Amado,^{XV} toda narrativa nos oferece uma versão, uma questão do olhar, acerca de alguma coisa, versões estas que, no caso do Dirceu Arcoverde, nos ajudam a entender a trama urbana assumida pela cidade de Teresina, na década de 1970.

Nesse percurso de pesquisa, é necessário durante a troca de informações, entre entrevistador e entrevistado, percebermos quem relata, o que relata, por que relata, como relata, para quem relata, quando relata,^{XVI} sutilezas presentes durante o processo das entrevistas, desde a escolha da pessoa, a transcrição, facilitando o trabalho do historiador. Além disso, é nosso dever percebermos que quanto mais humilde nosso entrevistado, mais saberá dar valor a experiência a que foi submetida por reconhecer o prestígio que isso lhe dará entre os familiares e amigos,^{XVII} condição identificada nos relatos de Dona Fatinha, ao descrever a seguinte impressão quando chegou ao conjunto:

O primeiro impacto que é tudo igual, a gente chegar e sem saber onde entrava, qual era a casa, qual era a certa, porque era tudo pequenininha, sem muro, sem ruas feitas, calçamento não tinha nada, não tinha nada separando a casinha da outra, então foi a primeira impressão que ficou, fique foi admirada como era que parecia umas casinhas de boneca, tudo pequenininha bonitinha, uma ao lado da outra.^{XVIII}

Ao tratarmos dessas lembranças, ressaltamos o mecanismo da memória que carrega consigo uma ferramenta singular para cada indivíduo, pois, recordar nossas trajetórias de vida é essencial para nossa percepção de identificação. Um sentimento por vezes recorrente numa comunidade que estava se reinventando nas margens e a margem da cidade, segundo Dona Fatinha, diz respeito às condições físicas das casas, que geravam inúmeras reclamações dos moradores, principalmente, no caso de nossa colaboradora entrevistada, quando o imóvel teria que abrigar “dez pessoas, não doze, porque tinha duas primas que sempre morou com a gente, uma casa com doze pessoas, com dois cômodos, e só dois cômodos, e um banheiro, aí ficou muito apertado”.^{XIX}

Essas condições descritas pela entrevistada, demonstra que as grandes famílias tiveram que se adaptar às condições precárias de espaço. Assim, se fazia o emprego da ampliação das casas de maneira rústica, em muitos casos, se utilizava argila para as paredes, e palha para cobrir o teto, o chamado “puxadinho”,^{XX} tudo para minimizar o desconforto.

No Conjunto, destacou-se a forte atuação de dois personagens, por diversas vezes recordados nas falas dos entrevistados, que foram Francisco Alves, o “Chico Alves”, e Irmani Veloso, agentes públicos representantes do governo do estado no

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

Conjunto. Estes notabilizaram-se como figuras políticas, pela Arena e pelos partidos desmembrados com o fim do bipartidarismo, condição confirmada com a eleição de Irmani Veloso, a única mulher eleita para o legislativo municipal, em Teresina, nas eleições de 1982 e de 1988.^{XXI}

Em entrevista sobre o viver no Dirceu Arcoverde em seus primeiros anos, Irmani Veloso, relembra:

Era uma guerra, porque eram pessoas de várias procedências com costumes e hábitos diferentes, todos de procedência rural, acostumados a morar distantes um dos outros, era muita briga, era muita confusão... Eu chegava a dizer que não considerava isso aqui uma comunidade e sim um aglomerado de pessoas, já que os costumes eram totalmente diferentes, os hábitos e tudo mais... E para gente conseguir manter, fixar, esse povo aqui no Dirceu, nós usamos a motivação, criamos reisados, criamos escolas de samba, criamos times de futebol, criamos uma série de atividades para automaticamente fixar as famílias em nossa comunidade.^{XXII}

Quando a entrevistada rememora os atritos ocorridos entre os moradores, ressaltando o fato de serem procedentes da zona rural, e que isso gerava dificuldades de convívio, mesmo que várias famílias já vivessem em Teresina antes da construção do Conjunto, nos deixam a impressão de que não foram fáceis estes primeiros anos, mesmo descrevendo a execução de plano alternativos para inserção de atividades para as famílias, como sendo a melhor forma para acalmar os ânimos.

Notamos a responsabilidade do historiador quanto aos testemunhos a que ele tenha acesso, de tal modo que houve esse cuidado durante este artigo tratando sobre o Dirceu Arcoverde, e procurando perceber que a história não estuda somente o passado, ela também pode constituir, com um mínimo regresso e práticas especiais, uma análise contemporânea.^{XXIII}

Entendemos que os espaços sociais carregam significados, pois, são neles que acontece o encontro de várias formas de comportamento, sujeitos singulares que são obrigados a conviver neste ambiente coletivo a que chamamos de comunidade, concebido para ser “o espaço tradicional na medida das diferenças das idades. E também o espaço onde circulam e, por conseguinte, se encontram e se reconhecem, meninos e meninas, rapazes e moças, homens e mulheres”.^{XXIV} Portanto, é neste ambiente da diferença e da semelhança que somos compelidos a viver o cotidiano, o que não foi diferente para os moradores do Dirceu Arcoverde no recorte estudado.

Mesmo com um cotidiano que se estabelecia, muitos desafios aos moradores permaneciam, motivados pela falta de alguns serviços públicos básicos, dentre os quais podemos destacar a falta d’água, que durante meses, após a vinda de mais famílias ao Conjunto para ganhar suas casas, a dificuldade do abastecimento d’água permanecia a angustiar os moradores.^{XXV} Esta carência gerava até mesmo conflitos entre os moradores para obtenção da água, sendo matéria de periódico local, ao destacar que apesar “de dois chafarizes [...]. O líquido precioso só chega quando um dos chafarizes é aberto a partir das 12 da manhã”.^{XXVI}

A luta cotidiana pelo acesso à água potável, marcou profundamente a memória de seus moradores, entre estes, Dona Fatinha, que relembra:

Presenciei várias, só não fui alvo de nenhuma, mais todas às vezes eu estava no meio olhando, olhava mesmo! Confusão braba, essas mulheres pegavam

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

nos cabelos, era lata d'água, uma ia furava a fila, davam mãozada, davam tapada, derramava a água da outra, aí vinha o pai com o cambu [cabo de madeira] na mão e pipocava [batia] nas costas, era desse jeito, foi assim.^{XXVII}

Por meio do relato da moradora, percebe-se a amplitude do problema e os transtornos trazidos a estes, envolvendo diversos membros das famílias, o que denota como o problema afligia o seu cotidiano. Por outro lado, denota o caráter aguerrido de seus moradores, dispostos a defender seus interesses, aspecto em diversas ocasiões registrado como uma forma positiva, pelo simples desejo de possuir uma casa própria.

Aqui, novamente se percebe a riqueza do uso da metodologia da história oral, ao permitir lançarmos o olhar sobre viés daqueles que, costumeiramente, não aparece nos livros de história.^{XXVIII} A esses personagens importantes, e por vezes esquecidos, é que fazem com que aconteça a história, pois como qualquer casa que construímos, não é feita de cima para baixo, e sim, o contrário, onde o discurso vencedor pertence apenas a aqueles que formam a elite tradicional. Por isso, as entrevistas são elementos essenciais para quem deseja entender uma história vista de baixo.^{XXIX}

No cotidiano do Dirceu Arcoverde, também se destacava os momentos de lazer dos moradores, com especial atenção a festas religiosas, que religiosas ou não, direcionadas as diversas faixas etárias. As recordações das festas no Conjunto despertam afetividades múltiplas em seus moradores, como no caso da moradora Maria da Conceição Nunes Pereira, que chegou à comunidade em 1977, com seis anos de idade, vinda do Bairro dos Noivos, e que viveu bastante próximo destes acontecimentos, destacando as festividades religiosas, segundo a qual “era muito sadio, agente fazia festinhas, bingos. Porque tudo que agente arrecadava era em prol da igreja. A igreja São Francisco [de Assis] foi construída pela ‘juventude franciscana’ [JUFRAN] na sua maioria”.^{XXX}

No relato da moradora, percebe-se o desejo de diferenciar as festas religiosas das festas tidas como profanas, uma forma de separar até mesmo sua reminiscência, dando maior ênfase a sua narrativa a respeito das festas religiosas realizadas na Igreja de São Francisco de Assis. Essa condição torna-se ainda mais visível quando a moradora relembra que no Conjunto era,

Outro tipo de lazer, a televisão na praça [praça da 8ª Delegacia de Polícia] que todos os dias era ligada e o pessoal ia assistir lá e... Alguns poucos iam se desenvolvendo e comprando sua própria televisão... Aí tinha o Chico Alves [clube de forró] que era o lazer, mais nós da “juventude franciscana” não participávamos do “Chico Alves”, por que? Por que lá era uma casa de diversão, e quem participava do grupo não era autorizado a participar, por que lá ia todo o tipo de gente e nos éramos assim como se fosse, como é que se diz? Um exemplo dentro do bairro, então todo mundo que olhasse pra gente, era pra olhar e dizer: aqueles ali são da “juventude franciscana”, então as festas que agente ia eram festas promovidas por nós, só tinha era só família, tanto que as pessoas sediam suas casas, pois nossa festas não eram feitas em clubes, por que não tinha, chegava numa casa de mãe de família e dizia: a senhora poderia fornecer sua casa hoje pra gente fazer um bingo? E eles davam sem susto, e com prazer [...].^{XXXI}

O relato feito pela entrevistada demonstra que uma parcela da comunidade tinha o cotidiano bastante conservador, herança provavelmente trazidas de seus locais de origem, uma vez que muitos eram migrantes de cidades interioranas do estado. Por

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

outro, aponta também para existência de significativa parcela de moradores afeitos as festas mais mundanas, festas que deviam ser evitadas por aqueles que desejavam manter uma imagem de recato, e não ser comparados com os moradores que frequentavam “casa de diversão”.

A senhora Maria da Conceição ainda menciona em seu relato a Juventude Franciscana, JUFRAN, importante movimento religioso e político que muito contribuiu para as modelações do Conjunto. Sobre o JUFRAN, pode-se observar que,

O grupo foi responsável pela formação, ou ao menos pelo despertar, de lideranças importantes na história do Conjunto e da cidade que, ao promover a reflexão religiosa de acolhimento, justiça e igualdade entre as pessoas, fomentou também o engajamento político como meio para conquistar a garantia de direitos sociais e políticos.^{XXXII}

Dentre os membros do grupo, podemos citar José Anselmo Dias, que exerceu o cargo de vereador da capital entre 1997 a 2004, que faleceu em 19 de maio de 2014, e que hoje é homenageado, dando nome à ponte que liga as Zonas Sudeste e Sul de Teresina, assim compondo, como conceitua Maurice Halbwachs,^{XXXIII} a memória coletiva dos moradores do Conjunto.

Foi possível perceber, por meio dos relatos de moradores, que aqueles que chegaram para residir no Conjunto, vieram motivados pelo desejo de terem melhores condições de vida. Nesse sentido, podemos ilustrar com o depoimento da senhora Maria Neide da Silva Fontineles, “como uma das primeiras moradoras do Itararé, [...] veio para o conjunto com seu marido e, à época, seus seis filhos. Dona de casa, sem instrução formal, migrante, seu exemplo representa perfil próximo a muitos outros moradores do Itararé”^{XXXIV}.

Em suas lembranças, a moradora destaca a importância e o desejo de acesso a casa, horizonte simbólico de segurança e melhoria das condições de sobrevivência das famílias. Segundo ela:

Nasci e me criei no município de Luís Correia, em um lugar chamado Carapeba... eu trabalhei de roça, nasci e me criei trabalhando de roça, era trabalhadora mesmo, rural, como se chama... eu me casei com 16 anos e vim embora para Parnaíba, aí meu marido veio embora para trabalhar aqui, como sempre teve a dificuldade de serviço, aí ele se empregou aqui... ficou eu lá com os meninos e ele aqui, aí minha sogra disse: ‘Neide, filho cuidado longe de pai não dá certo’... Eu vim embora em [19]76, no dia 3 de março de [19]76... quando eu cheguei comecei a trabalhar de vender merenda... foi o tempo que houve as inscrições para o conjunto, aí eu fui me inscrever... [meu marido disse:] ‘Tu vai morar num lugar desse, imundo? Lá é muito feio, tu vai pra lá?’ Mas eu vou morar no que é meu, não vou morar em meio de rua... (FONTINELES, 2013).^{XXXV}

A moradora nos relata que no município onde nasceu, era trabalhadora rural, casando muito jovem, e chegando em Teresina em 1976, para acompanhar seu marido que já residia na cidade, que em seguida fez inscrição para o Conjunto, época que trabalhava de vendedora de lanches, que mesmo sob a alegação do seu marido de que o

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)**
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO

Conjunto era sujo, veio morar assim mesmo, pois seu desejo de ter uma casa que seria sua já era o melhor dos motivos, demonstrando assim, o quanto foi decidida em busca de um lar para sua família.

Esta reminiscência, comprova que a vontade de possuir uma casa própria, falou mais alto do que as dificuldades que poderiam existir no conjunto. Uma casa que fosse simples, já seria o bastante. Mas, é percebido como um espaço que seria seu, que daria abrigo; e que atenderia as suas necessidades mais urgentes de moradia, um lugar onde poderia se reservar a idealizar e fazer planos para sua família.^{XXXVI}

Vemos que a veemência nas palavras da moradora, deixa bem clara sua visão do que ela realmente almejava, que seria um ambiente onde se abrem e reproduzem diariamente as formas rudimentares das “artes de fazer”, é sobretudo o lugar familiar, o nosso lar,^{XXXVII} e esses moradores, por suas lutas diárias, constituíram-se também em construtores da cidade, ajudando a definir parte dos contornos assumidos por Teresina na década de 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas das entrevistadas e demais fontes utilizadas neste artigo, evidenciam as dificuldades encontradas pelos primeiros moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde. Apesar dos desafios estruturais enfrentados nos anos iniciais da comunidade, ficou evidente o protagonismo destes moradores, resistindo ou adaptando-se ao espaço a eles oferecido pela cidade, construindo soluções para habitá-la, e que com suas astúcias fizeram a história da comunidade perdurar na memória de Teresina.

Esta “Babel invertida”, termo usado por Nicolau Sevcenko,^{XXXVIII} se fez presente dentro da comunidade, mesmo sem que soubessem seu significado, pois a chegada de várias famílias de diversas regiões de Teresina e do estado, contribuíram para a formação de um espaço marcado pela diversidade de seus usuários, responsáveis, também, por parcela da remodelação espacial da Capital.

Assim, neste rápido recorte da história do conjunto habitacional Dirceu Arcoverde, esboçado a partir das trajetórias de vida de moradoras, se pôde perceber ter sido este criado com o propósito de “desfavelamento” da zona leste da capital piauiense, e em meio as políticas habitacionais promovidas pelos governos militares a fim de conter as tensões sociais. No entanto, o Conjunto foi entregue aos seus moradores com problemas infraestruturais sérios, o que fez com que muitos de seus habitantes desistissem de suas casas. Muitos outros, entretanto, sobretudo mulheres, permaneceram e passaram a interferir de forma efetiva na transformação dos espaços do conjunto, escrevendo novos capítulos da história do residencial e da cidade.

NOTAS

^I Mestrado em História do Brasil, pela UFPI. Professor da Rede Municipal de Educação de São Luís – MA.

^{II} Doutorado em História, pela UFPE. Professor Associado da Universidade Estadual do Piauí e do Programa de Pós-graduação em História do Brasil, da UFPI.

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)**
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO

- ^{III} FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. *Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde*. Teresina: EDUFPI, 2017, p. 31.
- ^{IV} SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 38.
- ^V SOUSA NETO, Marcelo de. *Moradia popular e eleições: o Conjunto Itararé e as disputas eleitorais em Teresina-PI (1978-1996)*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 209 - 235. set./dez. 2016, p. 211.
- ^{VI} ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ^{VII} FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. xvi.
- ^{VIII} PINSKY, Carla Bassanezi et. al. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ^{IX} ALBERTI, op. cit., 2010.
- ^X ALBERTI, op. cit., 2010.
- ^{XI} PINSKY, op. cit., 2005.
- ^{XII} JESUS, Maria de Fátima de. *Entrevista concedida a Elisnauro Araújo Barros*. Teresina, 28 mai. 2018.
- ^{XIII} JESUS, op. cit., 2018.
- ^{XIV} FONTINELES; SOUSA NETO, op. cit., 2017, p. 33.
- ^{XV} AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. Revista História: São Paulo, v. 14, 1995.
- ^{XVI} AMADO, op. cit., 1995.
- ^{XVII} AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 15, abr/1997.
- ^{XVIII} JESUS, op. cit., 2018.
- ^{XIX} JESUS, op. cit., 2018.
- ^{XX} Construção feita vinculada a casa principal como forma de adquirir mais espaço físico para a moradia.
- ^{XXI} FONTINELES; SOUSA NETO, 2017.
- ^{XXII} VELOSO, Maria Irmani. *Entrevista concedida à Verônica Viana de Sousa e Douglas messias de Farias Sousa*. Teresina, abr.2010. In: SOUSA NETO, Marcelo de; SOUSA, Verônica Viana de, e SOUSA, Douglas Messias de Farias. *Às margens da cidade: história e memória dos moradores do conjunto habitacional Dirceu Arcoverde (Teresina 1976-1980)*, 2010.
- ^{XXIII} CHAUVEAU, Agnes; TETART, Philippe. (org.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

XXIV CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 56.

XXV FONTINELES; SOUSA NETO, 2017.

XXVI MORADORES do Itararé reclamam da falta d'água. *O Estado*, ano VII, nº 1491. Teresina, 07/01/1978, p. 6.

XXVII VELOSO, op. cit., 2018.

XXVIII BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

XXIX SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

XXX PEREIRA, Maria da Conceição Nunes. *Entrevista* concedida à Verônica Viana de Sousa e Douglas messias de Farias Sousa. Teresina, janeiro de 2010. In: PINTO, Isaina da Conceição. *A utopia de um bairro: uma análise sobre a formação do bairro Itararé e suas sociabilidades (1975-1985)*. Monografia de Graduação em História – UESPI, 2012.

XXXI PEREIRA, op. cit., 2012.

XXXII FONTINELES; SOUSA NETO, 2017, p. 188.

XXXIII HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. /Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

XXXIV SOUSA NETO, op. cit., 2016, p. 215.

XXXV FONTINELES, Maria Neide da Silva. *Entrevista* concedida a Verônica Viana de Sousa, em 15 out. 2010. In: SOUSA NETO, Marcelo de. *De muitos sonhos e poucos tijolos: Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, história e memória (Teresina-PI, 1976-1986)*. Teresina: Universidade Estadual do Piauí, 2013. [Relatório de pesquisa].

XXXVI TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1983.

XXXVII CERTEAU; GIARD; MAYOL, op. cit., 2013.

XXXVIII SEVCENKO, op. cit., 1992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. *Revista História*: São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 15, abr/1997.

BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CAMARGO, Aspásia. Como a História Oral chegou ao Brasil: entrevista com Aspásia Camargo por Maria Celina d'Araújo. *História Oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 2, jun. 1999, p. 167-179.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CHAUVEAU, Agnes; TETART, Philippe. (org.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Refletindo sobre a profissão de historiador: entrevista a Mauro Dillmann e Francisco de Assis de Sousa Nascimento*. *Revista História Unisinos*, v. 20, n. 1, p. 9-17, jan.-abr. 2016.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. *Nasce um bairro, renasce a esperança: história e memória de moradores do Conjunto Dirceu Arcoverde*. Teresina: EDUFPI, 2017.

FONTINELES, Maria Neide da Silva. *Entrevista concedida a Verônica Viana de Sousa, em 15 out. 2010*. In: SOUSA NETO, Marcelo de. *De muitos sonhos e poucos tijolos: Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, história e memória (Teresina-PI, 1976-1986)*. Teresina: Universidade Estadual do Piauí, 2013. [Relatório de pesquisa].

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. /Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

JESUS, Maria de Fátima de. *Entrevista concedida a Elisnauro Araújo Barros*. Teresina, 28 mai. 2018.

MORADORES do Itararé reclamam da falta d'água. *O Estado*, ano VII, nº 1491. Teresina, 07/01/1978, p. 6.

PEREIRA, Maria da Conceição Nunes. *Entrevista concedida à Verônica Viana de Sousa e Douglas messias de Farias Sousa*. Teresina, janeiro de 2010. In: PINTO, Isaína

**SOB O OLHAR FEMININO: TERESINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO
CONJUNTO HABITACIONAL DIRCEU ARCOVERDE (1977-1979)
ELISNAURO ARAÚJO BARROS E MARCELO DE SOUSA NETO**

da Conceição. *A utopia de um bairro: uma análise sobre a formação do bairro Itararé e suas sociabilidades (1975-1985)*. Monografia de Graduação em História – UESPI, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi et. al. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SOUSA NETO, Marcelo de. *Moradia popular e eleições: o Conjunto Itararé e as disputas eleitorais em Teresina-PI (1978-1996)*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 209 - 235. set./dez. 2016.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1983.

VELOSO, Maria Irmani. *Entrevista concedida à Verônica Viana de Sousa e Douglas messias de Farias Sousa*. Teresina, abr.2010. In: SOUSA NETO, Marcelo de; SOUSA, Verônica Viana de, e SOUSA, Douglas Messias de Farias. *Às margens da cidade: história e memória dos moradores do conjunto habitacional Dirceu Arcoverde (Teresina 1976-1980)*, 2010.